

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ - POVOS INDÍGENAS E SUAS
EPISTEMOLOGIAS COMO EXPRESSÃO DE EDUCAÇÃO NAS
LUTAS DE REEXISTIR NOS PROCESSOS HISTÓRICOS/SOCIAIS**

***PRESENTATION OF THE DOSSIER - INDIGENOUS PEOPLES AND
THEIR EPISTEMOLOGIES AS AN EXPRESSION OF EDUCATIONS IN
THE STRUGGLES TO RE-EXIST IN HISTORICAL/SOCIAL PROCESSES***

Prof. Dra. Isabel Teresa Cristina Taukane.¹

Prof. Dr. Leonardo Zenha.²

Prof. Dra. Beleni Saléte Grandó.³

¹ Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – PPGECCO/UFMT (2019), possui Mestrado em Desenvolvimento Sustentável: Área de Concentração Povos e Terras Indígenas pela Universidade de Brasília (2013). É graduada em Propaganda e Marketing pela Universidade de Cuiabá (2005). É licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Ciência e Tecnologia Invest (2018). Está matriculada no curso de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Mato Grosso. É membro fundadora do Instituto Yukamaniru de Apoio Às Mulheres Indígenas Bakairi, instituição que desenvolve pequenos projetos ecosociais/culturais na sua etnia de origem. É pesquisadora vinculada ao grupo de pesquisa COEDUC/UFMT (Grupo de pesquisa Corpo, Educação e Cultura, da Universidade Federal de Mato Grosso) e ao grupo de pesquisa Cauim: estudos e práticas dialógicas no contexto de povos e territórios tradicionais, da Universidade de Brasília (UnB). Atua na Educação Escolar Indígena e na Formação de Professores no Projeto Saberes Indígenas nas Escolas REDE UFMT.

² Professor Dedicção Exclusiva na Universidade Federal do Pará – UFPA. Professor do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará. Professor Pesquisador na área de Educação, Comunicação, Cultura digital e Cibercultura e Etnocomunicação Indígena.

³ Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (1985) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2004). Atualmente é do comitê científico do GT: corpo e cultura – COLÉGIO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE. Pesquisadora associada – COLÉGIO BRASILEIRO DE CIENCIAS DO ESPORTE. Pesquisadora colaboradora da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora procad amazônia/capes da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Professora efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso e professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação intercultural, educação, educação física e educação indígena.

Um giro de denúncias e colonialidades no século XXI e possíveis (re)existência e rotas alternativas dos povos indígenas.

Esse dossiê reuniu diferentes artigos com leituras críticas sobre a realidade sul ameríndia, problematizando suas lutas e tensionamentos com as epistemologias e organizações próprias para a consolidação de experiências de ensino, pesquisa, extensão em interface com a educação, a cultura e o território.

Os direitos específicos e as lutas sociais do movimento indígena assim como suas formas próprias de ler e escrever a realidade com outras e diferentes matrizes do pensar, do viver e do ser, reordenam e subvertem metodologias cartesianas e conservacionistas da colonialidade, potencializando novos e milenares modos de construir conhecimentos, saberes e narrativas não limitada na relação dual sujeito-objeto. Como apontam as pesquisas horizontalizadas, dialógicas e dialogantes que se entrelaçam com contextos diversos e contraditórios, nossa proposta do dossiê é trazer aos leitores, possibilidades de reler realidades ofuscadas nas tentativas históricas de apagamento de conhecimentos e, portanto, de pessoas que não se submetem e por isso re-existem.

A proposta do dossiê se embasa na perspectiva de abrir o diálogo que nos mobilize em questões da interculturalidade em diálogo com os tempos-espacos das lutas dos povos indígenas sob a ótica de diferentes temáticas e atravessamentos que nos qualificam para responder aos desafios atuais da sociedade não indígena e dos povos indígenas em relação aos direitos e apagamentos históricos impostos a esses grupos étnico-raciais marginalizados também nos espaços acadêmicos e escolares. A seguir vamos apresentar brevemente os textos selecionados neste primeiro volume.

O primeiro artigo da pesquisadora/professora da Faculdade de Etnodiversidade Ana Paula dos Santos Souza da Universidade Federal do Pará tem como título “O Contraespaço dos Povos Indígenas da Transamazônica e Xingu”. O texto analisa os registros de algumas mobilizações desses povos, ocorridas nas últimas duas décadas nessa região da transamazônica, sendo eles Parakanã, Assurini, Araweté, Kayapó, Xypaia, Kuruaya, Juruna e Arara da Bacia do

Xingu e Transamazônica, antes, durante e depois da construção da Barragem de Belo Monte, no rio Xingu. Esses levantes são expressões de resistência e estratégia para fazer valer sua luta por direitos em saúde, educação, respeito à diversidade e cultura, melhoria das atividades produtivas e garantia da integridade de seus territórios. No final, a autora reafirma que os levantes de contraespaço existirão e as populações das cidades e campo coexistirão as populações indígenas.

O segundo artigo tem como título “Logospirataria e Mineração no Estado de Roraima: exploração ilegal de minérios na região da TI Yanomami”. Os autores Laíze Aires Alencar Ferreira e Raimundo Pereira Pontes Filho, ambos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) utilizando-se do conceito de Logospirataria que abrange à violação de leis e direitos, que protegem juridicamente povos originários da prática da apropriação não autorizada ou indevida do patrimônio, traça reflexões sobre a continuidade colonial desse sistema excludente e possíveis alternativas para desconstrução e efetiva descolonização indígena. No artigo fica evidente a perversidade do estado das coisas sobre égide doneoliberalismo capitalista e seu poder destrutivo e pegam exemplos a atividade garimpeira e isso fica evidente nas Terras Indígenas Yanomamis, e defendem uma mobilização nacional para rever a política indigenista Brasileira, sobre o júdice de acabarmos com a fauna e a flora desses povos; no caso indígena a natureza não está desvinculada de sua vida; como estamos percebendo com a contaminação dos rios e com o desmatamento nos territórios, que impacta todo o Brasil e o mundo.

No terceiro artigo de Janete Schubert da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) tem como foco os processos de re(existência) e insurgências dos povos indígenas Kichwas e Waoranis contra os processos extrativistas na Amazônia Equatoriana. O título do artigo “Re(Existências) e Insurgências contra o Genocídio e o Epistemicídio nos Processos Extrativistas na Amazônia Equatoriana” nos remete as atrocidades acometidas a esses povos e seus territórios, que atravessa séculos e tem suas continuidades no século XXI. Para a autora, mesmo com todas as violações de direitos existem processos de resistência que se organizam de forma comunitária desde os territórios e que é demonstrado no trabalho.

No artigo “Reparação, Memória e Verdade na Primeira Conferência Nacional de Política Indigenista” da autora Ana Catarina Zema da Université de Montréal faz um caminho perpassando pela a 1ª Conferência Nacional de Política Indigenista (CNPI), em 2014, o debate sobre o Eixo 6 sobre o direito à memória, à verdade e à reparação e por fim aponta alguns dos limites e desafios da justiça de transição para os povos indígenas no Brasil. A autora conclui que “[...] existe uma recusa e abstenção quando se trata de assumir a responsabilidade histórica pelas barbaridades do passado e isto repete-se no que diz respeito à violência do presente.”

No quinto artigo dois grupos de pesquisas, um da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e outro da Universidade Federal de Minas Gerais a partir de referências da literatura indígena como a dos livros de Ailton Krenak provoca, e é provocado e procura atender/entender a urgência por uma educação com outros referenciais como a perspectivas decoloniais e elaborar caminhos epistemológicos/metodológicos de fazer ensino, pesquisa e extensão, em diálogo com os interesses e formas dos povos originários e afrodiáspóricos. O título do artigo é “Povos Indígenas e suas Epistemologias: ressignificar as caminhadas e as trilhas percorridas por dois grupos de pesquisa”, elaborado pelas professoras/pesquisadoras “Rosemary Santos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Carolina Tamayo - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/BRASIL).

No artigo “Uma Guerra de Sotaques e Palavras”, o direito à linguagem nos meios de comunicação dos povos” da professora e pesquisadora Maria Magdalena Doyle da Universidad Nacional de Córdoba, a autora tem como foco o direito à língua dos povos indígenas nos meios comunicacionais no caso a mídia e embasa esse processo no caso das rádios indígenas. Esse é um fundamento central das lutas indígenas que muitas vezes é negligenciado principalmente nos meios de comunicação hegemônicos. Por fim, o texto reafirma que é nos direitos linguísticos que são estabelecidos como uma dimensão central no quadro reivindicatório para sociedades de fato plurais.

Por último, faz parte também das ações deste dossiê – alocado na sequência na Seção Pautas Insubmissas - a entrevista de um jovem da Etnia Arapiun da região do Baixo Tapajós, no Estado do Pará, colocando o comunicador e a comunicação indígena em um processo

importante na construção de uma mídia indígena/etnomídia. Na mesma linha de luta fundamental que esse dossiê assume e reivindica, a potência dessa comunicação em rede cria possibilidades a partir de seus métodos próprios juntos com as organizações e os jovens comunicadores indígenas, para as lutas e a afirmação da cultura e o modo de vida indígena. Essa entrevista tem como autor o Professor/pesquisador e militante Leonardo Zenha da Universidade Federal do Pará com o título “A Etnomídia Indígena nas Aldeias e nas Redes: entrevista com a juventude indígena de luta, os espaços comunicativos e o fortalecimento ancestral e identitário” e o entrevistado foi o Jovem Alexandre Arapium, na qual presto meus sinceros agradecimentos.

Para finalizar espero que apreciem esses textos cheios de vida, lutas e impressões de muitas possibilidades de apreender com os povos indígenas e suas reivindicações nos tempos atuais.

Boa leitura a todas, todos e todes.